



## MUDANÇA E AGRAVAMENTO NAS PRÁTICAS AUTORITÁRIAS: centralização da censura e a reação d'*O Pasquim* nas frases-editoriais<sup>1</sup>

BUZALAF, Márcia Neme (Doutora)<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)/PR

**Resumo:** Um ditado popular comprovado à exaustão durante a ditadura civil-militar (1964-1985) dimensiona a escalada violenta contra as diferentes formas de liberdade: “Não há nada ruim que não possa ser piorado”. O semanário carioca *O Pasquim* foi lançado em 26 de junho de 1969, seis meses após o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5), e embutido no ambiente questionador das regras oficiais e tácitas do período. Muito já era proibido, tudo já era questionável, mas a prática da censura haveria de ser transformada a ponto de, enfim, enterrar as mínimas relações dialógicas no sarcófago de uma existência possível. Da censura pontual e passível de negociação, o semanário carioca passou a ser avaliado de forma impessoal – via correio, para Brasília. As transformações desta prática influenciaram o jornal e estão evidenciadas ao longo das trezentas primeiras edições – todas, censuradas. Neste artigo, trataremos da representação da censura nas frases-editoriais, localizadas na capa do *Pasquim*, de forte cunho de humor e, mais importante, autoral.

**Palavras-chave:** ditadura civil-militar; censura; *Pasquim*; frases-editoriais; humor.

Autoritarismo é o substantivo abstrato que mais reverbera no primeiro decanato da ditadura. No longo caminho até 1974, as práticas contra qualquer forma de liberdade foram sendo ampliadas, diversificadas e intensificadas. Da pontual censura a fatos específicos, passou-se ao condicionamento total das publicações oficiais (comerciais e alternativas) ao olhar do censor. A imprensa clandestina, neste sentido, encontra espaço em grupos e categoriais profissionais como a única possibilidade para fugir do crivo do regime.

Publicações e pessoas que não foram para a clandestinidade acabaram sendo ainda mais violentadas pelo fortalecimento enviesado da censura, o que significa dizer que atos institucionais e os sistemas de avaliação e nomeação de pessoas ligadas à censura obedeceram a uma lógica desvirtuada de repressão - não se sabia para onde

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT de *História da Mídia Alternativa*, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

<sup>2</sup> Márcia Neme Buzalaf é jornalista com doutorado em História pela Unesp/Assis. É professora adjunta no Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e docente colaboradora do programa de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária e no Mestrado em Comunicação Visual. E-mail: marciabuzalaf@gmail.com.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,  
conta ou não conta"

caminhava, nem até quando permaneceria. Jornais alternativos preencheram discursos importantes, registraram fatos históricos e representaram parcelas contra-hegemônicas da sociedade – de sindicatos a artistas.

Um destes jornais foi o provocador *Pasquim*, que tinha como linha editorial o humor no questionamento de regras sociais e comportamentais. As primeiras trezentas edições, todas produzidas sob censura, envolviam, predominantemente, assuntos relacionados a liberdade, sexo, boemia e cultura, nacional e estrangeira. Neste sentido, atribuir ao semanário carioca o rótulo de subversivo colocando-o no mesmo patamar de publicações como o *Ex* e o *Movimento* beira a ingenuidade. *O Pasquim* movimentou um outro tipo de inquietação que, invariavelmente, tangeu outras tantas que pautaram as outras publicações alternativas.

Um dos pontos mais interessantes de todo o material produzido pelo *Pasquim* era a frase-editorial, localizada no cabeçalho da capa, logo abaixo do título do semanário, e que passava uma impressão de configurar como um subtítulo para o nome do jornal. Considerando a heterogeneidade das expressões, assinaturas e até ausências destas frases, o termo frases-editoriais conflui melhor com a função deste subtítulo. Uma destas frases, publicada em 1973, “Rio, mas é de chorar”, remetendo ao Rio de Janeiro e mostrando a tristeza daquela situação sociopolítica, está muito mais próxima de ter uma função editorial do de um lema para o jornal.

Estas frases, como representação editorial da censura instalada, trazem elementos importantes para a reflexão sobre a sobrevivência das publicações alternativas, bem como sobre o agravamento das práticas autoritárias no cotidiano da produção jornalística.

### **Primeiras frases: alegria, alegria!**

“Aos amigos, tudo; aos inimigos, justiça” pode parecer uma frase quase inofensiva em qualquer publicação da atualidade, mas, impressa na capa de um novo jornal pós-AI-5, demonstrava o caminho do que seria a união de uma geração no ambiente político-social que não contemplava nenhuma forma de justiça. Publicada na primeira edição do *Pasquim*, a expressão marcou o que seria a fase mais debochada, que permeou os anos de 1969 e 1970.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,  
contá ou não conta"

O jornal fez sucesso logo nos primeiros meses de banca, claramente por romper com alguns padrões jornalísticos e por trazer marcas irreverentes de autores que já haviam construído uma passagem criativa pela imprensa brasileira, como Tarso de Castro, fundador e editor durante estes primeiros anos.

Algumas das frases-editoriais publicadas até o final de 1970 demonstravam o caráter declaradamente autoral e questionador: “O Pasquim não se responsabiliza pela opinião de seus colaboradores; aliás, nem pelas suas” (edição 09, de 1969), “Somos contra tudo o que a gente pode ser contra” (edição 10, de 1969), “O Pasquim – um jornal que sente o drama de escolher um lema por semana” (edição 16, de 1969), “O PASQUIM – ame-o ou deixe-o” (edição 58, de 1969), “O PASQUIM – Mais divertido para quem faz do que para quem lê” (edição 64, de 1970) e “O PASQUIM – Livre como um táxi” (edição 66, de 1970).

Quando ligamos o discurso irônico e crítico da primeira edição do semanário, juntamente com o que se constituía como ameaça à estabilidade, segundo o texto do AI-5, percebemos que o *Pasquim* foi desenvolvido, desde o princípio, dentro dos elementos que caracterizavam os grupos subversivos, apesar de apresentar sua contestação a partir de uma linguagem visual e textual calçada no humor.

Esta primeira fase do semanário, do lançamento em junho de 1969 até outubro de 1970, é considerada bastante “desbundada”, considerando a direção do jornal de Tarso de Castro e a inexistência de uma censura interna instalada na redação. Foi uma fase em que as capas traziam sempre as personalidades do momento em entrevistas com depoimentos polêmicos: Leila Diniz, Roberto Carlos, Miéle, Rogério Duprat, entre outras capas temáticas nas quais os redatores exploravam o entrevistado visual e textualmente.

Esta característica fica clara em várias frases-editoriais de duplo sentido, tanto fazendo analogia ao sexo quanto à boemia cotidiana daquela geração, seus atores principais, a autodefinição de caos, de uma odisseia ética de um jornal que não quer se definir, apesar de rotular-se em quase todas as capas. A leveza do tom deste humor iria contrastar-se com as frases dos anos de 1974 e 75, quando o humor permanece, mas com tons que beiram a descrença e o silêncio.

As pressões que o jornal sofria estavam, desde este início, retratadas nas frases-



editoriais: “O Pasquim – um pequenino enganador” (edição 34), “O PASQUIM sabe de tudo e não quer entrar em detalhes” (edição 38), “O Pasquim – um jornal de oposição ao governo grego” (edição 45), “Nenhuma legislação punitiva dá autoridade a quem não tem. (Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco)” (edição 37). Todas estas edições foram publicadas em 1970.

A frase da edição 56, publicada em 1970, “Se alguém pensa que o Pasquim se atemoriza com ameaças e pressões, pode tomar nota de uma coisa: é verdade” revela o que Henri Bergson discute quando fala que o cômico nasce de um estranhamento com o mecânico, com a rigidez: "O riso é então explicado pela surpresa, pelo contraste etc., definições que se aplicariam também a uma infinidade de casos diante dos quais não temos nenhuma vontade de rir" (2001, p. 29).

Se a linguagem demonstra o posicionamento ideológico nos diversos discursos, através dos diferentes signos, a frase-editorial da edição de número 58 deixa claro que o humor sem riso do *Pasquim* vinha como uma resposta ao endurecimento do regime. Ironizando um dos maiores slogans da propaganda militar, disparam, em 1970, no lugar nobre da capa: “PASQUIM – ame-o ou deixe-o”.

Outras frases-editoriais importantes do período (por edição/ano de publicação):

- **12 / 1969** “Se vocês acham que o Pasquim está ótimo, saibam que ainda estamos dando o pior de nós mesmos”
- **22 / 1969** “Todo mundo acha que O PASQUIM está por cima da carne seca; podemos assegurar que, em matéria de carne, nossa preferência é outra (Millôr Fernandes)
- **35 / 1970** “O Pasquim – um caos a conferir”
- **44 / 1970** “O PASQUIM – uma odisséia etílica”
- **51 / 1970** “God save the Queen”
- **54 / 1970** “Foi duro, mas conseguimos fazer um número sem a Leila Diniz”
- **59 / 1970** “Um jornal que tem a coragem de não se definir”
- **63 / 1970** “Le Pasquin c’est moi. (Tarso de Castro). Non, c’est moi. (Louis XIV)”
- **65 / 1970** “O melhor jornal da Rua Clarisse Índio do Brasil, 32. – (Millor)”

- **67 / 1970** "Faltam dois números para o 69"
- **68 / 1970** "Quem não tem quiabo não oferece caruru (Stanislaw Ponte Preta – págs 22 e 23)
- **69 / 1970** "Custamos, mas chegamos ao 69"

### **Frases da segunda fase: prisão, inquietação e enfrentamento**

O ano de 1970 foi marcado pelo crescimento do espaço do *Pasquim*: as vendas aumentavam significativamente e o jornal deixava, aos poucos, de ser limitado ao Rio de Janeiro e à Ipanema e passava a ter importância também em São Paulo, que era tanto um grande mercado leitor quanto um objeto de piada para os redatores cariocas. Em vários exemplares, e em vários textos, o jornal não cansava de repetir, em vários tons, a sua máxima, "*Pasquim* – um ponto de vista carioca", frase-editorial publicada na edição de número 109 e que virou lema de Millôr Fernandes na sua página 3 do semanário durante o período em que foi diretor do jornal, entre as edições 166 e 233.

Os dois últimos meses do ano, porém, mudaram o rumo dos acontecimentos. No final de outubro, Jaguar publicou uma fotomontagem do quadro de Pedro Américo, "O Grito do Ipiranga", também conhecido como "Independência ou Morte". O cartunista adicionou à imagem de Do Pedro I um balãozinho com a frase extraída da música de Jorge Ben: "EU QUERO MOCOTÓ!!", como na imagem reproduzida na Figura 01.





50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,  
conta ou não conta"

Figura 01: *O Pasquim*, edição 71, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1970.

Várias mudanças ocorreram a partir dessa imagem que, para Jaguar, teria sido uma simples brincadeira – apesar da evidente provocação ao reproduzir e zombar da pintura que tem um caráter patriótico. Primeiramente, Dona Marina, responsável por censurar a página, foi destituída do cargo. Poucos dias depois, onze jornalistas do semanário foram presos sem um período determinado. A convocação dos militares era de que eles prestassem depoimento, mas foram encarcerados.

A prisão de jornalistas, naquela época e dentro daquele espaço da imprensa alternativa, era um assunto recorrente e uma preocupação constante entre os que faziam parte dessa geração. No caso dos jornalistas do *Pasquim*, que relembram o episódio também com humor, não houve coerção física nem interrogatórios contundentes ou violentos – a não ser o corte de cabelo à força do *hippie* dos redatores, Luiz Carlos Maciel.

O grande questionamento dos oficiais era em relação aos vínculos dos redatores com a esquerda (ou com pessoas vinculadas a grupos de esquerda). Segundo Maciel conta, os interrogatórios vinham sempre acompanhados de uma lista dos envolvimento de cada um deles com a esquerda e com os grupos revolucionários, assinatura de listas e abaixo-assinados e participação em atividades culturais e estudantis.

Uma rede de colaboradores, chamada de “rush da solidariedade”, foi formada para manter o *Pasquim* sendo publicado. Para justificar, de alguma maneira, o motivos dos jornalistas não estarem na redação, na edição de número 72, a capa anunciava um “surto de gripe” na redação do *Pasquim*, em evidente ironia à não-presença de Ziraldo, Jaguar, Luiz Carlos Maciel, Tarso de Castro, Paulo Francis, Sérgio Cabral e Fortuna. Mesmo assim, Paiva foi responsável por imitar o traço dos ilustradores presos. Além de Miguel Paiva, Millôr e Henfil, que não haviam sido presos, incubiram-se de produzir material suficiente para conseguir imprimir o jornal semanalmente.

As vanguardas que habitavam aquela Ipanema estavam vinculadas à juventude, ao experimentalismo e à intelectualidade – o que se constituía como elementos constitutivos e diferenciais da Geração de 60, conforme explica Ridenti:



“Apesar das diferenças estéticas e políticas, as manifestações artísticas brasileiras nos anos 60 tinham em comum o impulso para o debate, a luta, a ação criativa. As correntes culturais estavam no centro da mesma dinâmica social, o que faz as diferenças entre elas se esmaecerem relativamente, quando olhadas em retrospectiva. Na década de 60, a intelectualidade brasileira de esquerda, incluindo os artistas, estava cortada de cima a baixo por aquilo que Berman chamou de “fissão fãustica”. (...) Ela seria marcada pela constante tensão entre uma vanguarda cultural moderna e a sociedade subdesenvolvida que a cerca. (...) A ânsia pelo moderno estava presente nos tropicalistas, por exemplo, que tinham a intenção de entrar nas estruturas da modernidade conservadora, implantadas após o golpe militar, para poder superá-las e sair delas, ao invés de negá-las, entrincheirando-se no passado” (Ridenti, 1993, p. 104).

Na capa da edição 75, publicada em 25 de novembro de 1970, a linguagem visual e textual denunciam que tinha alguma situação diferente na redação do semanário (Figura 02). A frase-editorial debocha da prisão dos jornalistas: “Uma coisa é certa: lá dentro deve estar muito mais engraçado do que aqui fora”. O tema principal dessa capa é, como em todos os aniversários do jornal, a pauta única. “O PASQUIM COMEMORA SEU SEGUNDO ANIVERSÁRIO”.

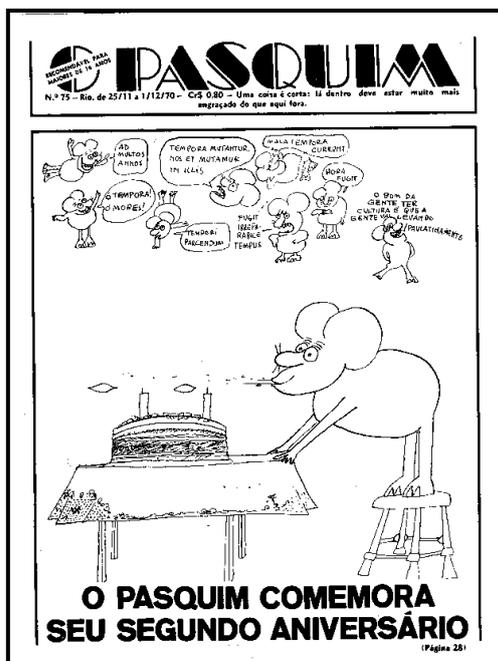


Figura 02: *O Pasquim*, edição 75, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1970.

As últimas edições de 1970 deixaram registrado o clima pós-prisão de grande



parte da equipe: “Milhões de leitores seguram este pasquim” (nº 70), “O PASQUIM – O jornal com algo menos” (nº 73), “O PASQUIM – Apesar dos pesares” (nº 74), “O PASQUIM é a prova: quem comunica se trumbica” (nº 77) e “Os nove do Pasquim agora são um” (nº 79). Mantendo o humor, estas frases-editoriais são bastante subjetivas e colocam o semanário como pauta principal de si mesmo, usando termos dúbios para se autodefinir.

Outras frases-editoriais importantes do período (por edição/ano de publicação):

- **80 / 1971** “O PASQUIM Todas as quintas-feiras ou a qualquer dia em edição extraordinária”
- **89 / 1971** “Deus só criou o som. O homem fêz a palavra. Gutemberg inventou a imprensa. Nós editamos O PASQUIM”
- **90 / 1971** “Na terra de cego, quem lê O Pasquim é rei”
- **91 / 1971** “O Pasquim – um jornal onde a gente pode dizer as coisas (Rose-Marie Muraro)”
- **97 / 1971** “O Pasquim é o próprio Exército Brancalone da imprensa brasileira”
- **103 / 1971** “O Pasquim – sempre em alta, graças ao nosso baixo nível”
- **104 / 1971** “Um jornal que se vira para agradar seus leitores”
- **106 / 1971** “O verdadeiro órgão da família brasileira”
- **107 / 1971** “O PASQUIM – O melhor joio do trigal”
- **109 / 1971** “O Pasquim – um ponto de vista carioca”
- **115 / 1971** “O PASQUIM – Um lixo da primeira à última página”
- **116 / 1971** “Pensando bem, é melhor não pensar bem”
- **119 / 1971** “O Pasquim – corajoso como um rato”
- **125 / 1971** “Válvula de escape é a vó”
- **128 / 1971** “O Pasquim – um jornal sem um nome a zelar”
- **130 / 1971** “O PASQUIM – O jornal mais 72 de 71.
- **131 / 1972** “O PASQUIM – sai todas as terças, ou quartas, ou se calhar, quintas”
- **140 / 1972** “O Pasquim – o pior cego é aquele que quer ver”
- **143 / 1972** “Um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação”
- **155 / 1972** “Um jornal que está por baixo e está gostando”
- **157 / 1972** “O essencial é invisível aos olhos” (St. Exupéry)
- **158 / 1972** “Um jornal mais pra ÊPA que pra ÔBA.”
- **161 / 1972** “Um jornal que sempre foi independente, não era?”
- **163 / 1972** “Um jornal que não se vende, a não ser a seus leitores”
- **168 / 1972** “O importante não é vencer, é sair vivo”
- **170 / 1972** “JÁ NÃO SE FAZ MAIS PRIMAVERAS COMO ANTIGAMENTE”
- **172 / 1972** “Rio, mas é de chorar”



- 174 / 1972 “Quem é vivo sempre desaparece”
- 180 / 1972 “Não adianta explicar; para nós, é grego”
- 182 / 1972 “Ou vai ou racha. Nós achamos que racha”
- 187 / 1973 “Tesoura, sim. Alicate, não”
- 196 / 1973 “Prontos a resistir até a primeira gota de sangue”
- 202 / 1973 “O PASQUIM – uma luz nas trevas. Clic!”
- 210 / 1973 “Bem-vindos ao clube, uruguaios”
- 213 / 1973 “O Pasquim – um jornal que não pode se queixar”
- 221 / 1973 “O Pasquim – um jornal que reage à altura, desde que o adversário não tenha mais de 1,60 metro”
- 222 / 1973 “O Pasquim – um jornal que discorda nos detalhes mas é visceralmente contra o fundamental”
- 225 / 1973 “O PASQUIM – um jornal mágico que não esconde nada.”

### **Terceira (e mais difícil) fase: por um silêncio mais alto**

A mudança da censura do *Pasquim* para Brasília, em dezembro de 1973, esvazia o espaço de relações e possibilidades que foi criado quando os redatores entregavam e buscavam pessoalmente o material vetado. Ali, em alguns momentos, como vimos, existiu uma interação que, mesmo quando não limitava a ação do censor, possibilitava um entendimento maior de como a censura interpretava os textos e ilustrações produzidas. A frase-editorial da edição 248, de 1974, deixa claro o sentimento de pessimismo: “O Pasquim – um jornal que não vê o final do túnel”.

Impossível refutar o espaço significativo que o jornal dedicou à Guerra do Vietnã, ao escândalo do governo Nixon e da revolução dos Cravos em Portugal (reproduzidas nas Figuras 03, 04 e 05), que ganharam capas de uma maneira quase exclusiva, mas dentro da linha de humor que envolve os outros textos do jornal. Estas edições, de número 202, 285 e 299, mostram a reincidência da pauta internacional no período entre 1973 e 1975, e o domínio que a mesma exerceu sobre algumas capas.

Entretanto, no caso do semanário carioca, fica difícil não considerar a influência que pelo menos dois correspondentes internacionais importantes exerciam. São eles:



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz, conta ou não conta"

Paulo Francis, que morava em Nova York, e Ivan Lessa, que passou um período em Londres. Com vários intelectuais do exterior, exilados ou auto-exilados, o com um novo ritmo de produção do semanário, o *Pasquim* passou por mudanças significativas que, ampliadas, revelam momentos de silêncio – como as várias edições sem frases-editoriais

durante esta fase.



Figura 03: *O Pasquim*, edição 202, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1974.



Figura 04: *O Pasquim*, edição 285, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1974.

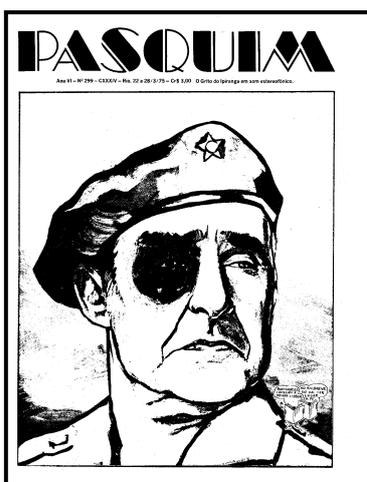


Figura 05: *O Pasquim*, edição 299, Rio de Janeiro, 22 de março de 1975.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,  
conta ou não conta"

A primeira transformação na censura ao *Pasquim* é em relação à dinâmica de avaliação do material, que passou a ser enviado por correio para a capital e, assim sendo, excluindo qualquer tipo de questionamento sobre os vetos e autorizações feitas pelos censores. Só o transporte das páginas entre Rio de Janeiro e Brasília já corroía o tempo do processo de produção de um impresso semanal. Dentro do *Pasquim*, o cotidiano da redação mudou, primeiramente, no sentido operacional: “Para a gente poder salvar 80% de um jornal, nós tínhamos de mandar 360% de um jornal”, explica Miguel Paiva do documentário de 2004. O pesquisador Mauricio Maia analisa esse tipo de censura e utiliza a descrição de Ziraldo para mostrar o processo de produção do *Pasquim*:

Dois aspectos realçam o tratamento draconiano imposto a esses periódicos: os rigores normativos e o volume de cortes. As barreiras operacionais visavam dificultar seu processo de produção. Quando a censura prévia em jornais como *Opinião*, *Pasquim* e *Movimento* passou a ser centralizada em Brasília, ela provocou danos em diversos níveis. Editorialmente, gerava a perda de atualidades (havia um intervalo de quase duas semanas entre o fechamento e a distribuição desses jornais) e, comercialmente, causava prejuízos financeiros (grande parte do material que já havia passado pela fotocomposição era lacerado pelos censores). Tratando do semanário *Pasquim*, o cartunista Ziraldo fez uma das melhores descrições do cotidiano das publicações submetidas à censura prévia brasileira:

“O jornal é enviado na sexta-feira para Brasília, com volume de matéria até quatro vezes maior do que o que será aproveitado. Só retorna às nossas mãos na terça ou na quarta, para ser impresso na sexta-feira seguinte, uma semana depois de enviado à capital, para circular na terça-feira, onze dias depois de iniciada sua confecção. Por tudo isso, ficamos apenas com dois ou três dias contínuos para a confecção de todo um semanário ilustrado de trinta e duas páginas, o que é um prazo irrisório. Acresce a isso que todo material enviado a Brasília tem que ser composto antes de seu retorno, para ganharmos tempos e, por esta razão, perdemos mais de 50% de material que tem que ser pago todas as semanas, e nosso custo aumenta, na medida em que temos que



tirar caríssimas cópias Xerox de todo material ilustrado, etc e etc (Maia, 2002, p. 488).

Isso demonstra como a censura minou o sistema de produção, impressão e distribuição da imprensa; considerando os jornais alternativos, os problemas eram ainda maiores por não terem uma estrutura empresarial para tentar gerenciar todas as mudanças decorrentes dos vetos.

Além do distanciamento dos oficiais designados para censurar o jornal, a historiografia do período deixa claro que também foi um momento de intensificação da censura e repressão, quando sequestros, assassinatos e passeatas começam a confrontar o controle e violência dos militares.

Dentro desse cenário, vários jornais alternativos foram fechados. A geração do *Pasquim* manteve-se nas páginas do semanário, com algumas mudanças. Ao analisar o que foi publicado no *Pasquim* no período de dezembro de 1973, quando a censura é centralizada em Brasília, até o início de 1975, quando termina oficialmente a censura prévia ao jornal, fica evidente que o jornal também muda, mas continua a ser publicado, diferentemente da frase-editorial irônica em relação à resistência dos alternativos na edição de número 281: "O PASQUIM – O primeiro a abandonar o navio".

A capa, como representação do jornal e da geração que em torno dele se agrupou, é um documento importante para entender o período. No caso das frases-editoriais, o pessimismo em relação à situação do jornal e à própria censura foram exploradas pelos redatores que utilizaram o mesmo estilo irreverente e humorístico ao registrar o clima em que o semanário era produzido, como nas seguintes frases editoriais publicadas, todas, em 1974:

- edição 258: "Valei-me N. S. da Pena, padroeira dos escritores e jornalistas"



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,  
conta ou não conta"

- edição 261: “O Pasquim – um jornal que não é editado por seus editores”.
- edição 262: “O PASQUIM – Olha só, mamãe! Um jornal sem mãos, sem mãos!”
- edição 264: “O PASQUIM – um jornal que balança mas não cai.”
- edição 271: “Um jornal dis ten di do”
- edição 277: “O Pasquim – um jornal que semeia ventos e colhe tempestades”
- edição 278: “O Pasquim – um jornal FRACO e ABUSADO”
- edição 279: “Cumprimos o doloroso dever de informar que estamos vivos”

A manutenção do estilo das frases-editoriais, da linha de humor, e de elementos importantes do jornal – principalmente as frases-editoriais e a participação do ratinho Sig – foi ameaçada pela autocensura. Considerando que o caráter de atualidade dos jornais, de uma maneira geral, estava abalado, os jornalistas investiram nas chamadas “matérias frias”, ou seja, aquelas que poderiam ser utilizadas a qualquer momento por serem despidas de um vínculo com o momento em que eram publicadas. Vários textos de Millôr Fernandes e Paulo Francis, principalmente sobre escritores estrangeiros, ocupavam páginas e páginas das edições, à medida que ambos eram intelectuais ligados à tradução de textos clássicos, como Shakespeare e Baudelaire.

A edição publicada depois do aviso do fim da censura, em 29 de março de 1975, recupera os mesmos elementos fartamente utilizados nas edições do jornal desde o início. A capa de número 300 do *Pasquim* é, por si só, uma provocação envolvendo o humor, o sexo e as frases com duplo sentido com um recado direto na frase-editorial: “Imprensa é oposição; o resto é armazém de secos e molhados”.

A censura ao jornal terminou oficialmente pelas mesmas origens arbitrárias de quando começou, porém, em um sentido duplo, já que a pressão tornava a produção rarefeita. Assim como na capa, as páginas desta fase de censura centralizada em Brasília trazem expressões que nos remetem a uma certa tristeza, como nas três frases-editoriais que contam a dificuldade do processo de produção do jornal naquele momento: “O



Pasquim – um jornal que não é editado por seus editores” (edição 261, publicada em 1974); “O PASQUIM – um jornal que balança mas não cai” (edição 264, de 1974); e “Cumprimos o doloroso dever de informar que estamos vivos” (edição 279, de 1974).

Outras frases-editoriais importantes do período (por edição/ano de publicação):

246 / 1974	“O Pasquim – a sentinela da Saint-Roman”
264 / 1974	“O PASQUIM – um jornal que balança mas não cai.”
267 / 1974	“Alho por alho. Dante por Dante.”
273 / 1974	“O Pasquim – Que flebite nada! É craca pura!”
284 / 1974	“O Pasquim – o último reduto da molecagem”
285 / 1974	“O PASQUIM – um jornal anti-racista: bota o preto no branco.”
286 / 1974	“O PASQUIM – o único jornal sem anaufabetos.”
292 / 1975	“O PASQUIM – Sabe onde se bota. Bota onde se sabe.”
297 / 1975	“Pela distribuição das privadas e iniciativa das rendas”
299 / 1975	“O Grito do Ipiranga em som estereofônico.”

As páginas do *Pasquim* e os relatos de quem dele participou sugerem que o jornal sobreviveu à censura equilibrando-se entre a discordância com o controle da informação pelos militares e a consonância com o ambiente cultural vanguardista carioca, segundo explica José Luiz Braga em sua pesquisa sobre o semanário, quando afirma que o jornal “cria assim o lugar de sua fala como uma oposição ao regime, à indústria cultural e às posições conformistas de uma parcela da classe média” (p. 19). As frases-editoriais são evidências deste discurso.

### Referências Bibliográficas:

AUGUSTO, S. e JAGUAR(org.). *O Melhor do Pasquim – Volume I*. Rio de Janeiro, Desiderata, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Melhor do Pasquim – Volume II*. Rio de Janeiro, Desiderata, 2007.

BERGSON, H. *O riso - ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BERNSTEIN, S. *A cultura política*. In, RIOUX; SIRINELI. (orgs). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BITTENCOURT, T. M. F. P. *Jornalismo e transgressão: análise do discurso d’O Pasquim (1970)*, Tese de Doutorado, USP, 1999.



- BRAGA, J. L. *O Pasquim e os anos 70: mais prá epa que pra oba*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.
- CARDOSO, T. *Tarso de Castro: 75kg de músculos e fúria*. São Paulo, Planeta, 2005.
- CARNEIRO, M. L. T.(org.). *Minorias Silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado/FAPESP, 2002.
- CASTRO, R. *Ela É Carioca – Uma Enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KUCINSKI, B. *Jornalistas e Revolucionários – Nos Tempos da Imprensa Alternativa*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2003.
- KUSHNIR, B. *Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. SP: Bomtempo Editorial, 2004.
- MACIEL, L. C. *Anos 60*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Geração em Transe: Memórias do Tempo do Tropicalismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MOTTA, R., RIDENTI, M. et all.(orgs.). *O golpe e a ditadura militar - 40 anos depois*. Bauru: Edusc, 2004.
- REGO, N. P. *Pasquim: Gargalhantes Pelejas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- RIDENTI, M. S. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. Editora UNESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000.
- RIDENTI, Marcelo et all.(orgs.). *O golpe e a ditadura militar - 40 anos depois*. Bauru, Edusc, 2004.

#### **Referências filmográficas:**

- Henfil – Profissão Cartunista*. Documentário de Marisa Furtado. Brasil, 2002.
- Humor com Gosto de Pasquim*. Documentário de Louis Chilson. Brasil, 2000.
- O Pasquim — A Subversão do Humor*. Documentário de Roberto Stefanelli, 2004.
- O Pasquim - A Revolução pelo Cartum*. Documentário de Louis Chilson. Brasil, 1999.